

ESOTERISMO, AUTO-AJUDA E TRIVIALIDADE EM O ALQUIMISTA

Isabel Mattei ¹

RESUMO: Este estudo objetiva discutir o livro *O alquimista*, de Paulo Coelho, a partir de uma análise sobre auto-ajuda, esoterismo e trivialidade enquanto componentes dos textos ficcionais de narrativas de mercado e da verificação do uso desses elementos na obra em questão. Para tratar do fenômeno da auto-ajuda, buscou-se fundamentação crítica nos estudos de Rüdiger (1996), que entende este tipo de literatura como uma forma de enfrentamento de problemas da modernidade, através do gerenciamento de recursos subjetivos. O esoterismo, enquanto produto cultural, aproxima-se dos preceitos da auto-ajuda e manifesta-se das formas mais diversas, ressaltando a essência espiritual do seu humano e a necessidade de aperfeiçoamento dessa espiritualidade. A trivialidade, segundo Maestri (1999), é a principal responsável pelo sucesso de vendas do autor em questão, já que este apresenta ao leitor fórmulas repetidas, em narrativas de cunho individualista que reiteram preconceitos e ilusões.

PALAVRAS-CHAVE: *O alquimista*. Trivialidade. Auto-ajuda. Esoterismo.

ABSTRACT: This essay aims at discussing the book *O alquimista (The Alchemist)*, by Paulo Coelho, from an analysis on self-help, esoterism and triviality while components of fictional text of market narratives, as well as verifying the use of those elements in the book. To discuss the self-help phenomenon, the critical foundation was based at studies by Rüdiger (1996), who understands this kind of literature as a form of facing the problems of modernity, through managing subjective resources. Esoterism, while cultural product, is similar to self-help precepts and can be revealed through many ways, highlighting the spiritual essence of the human being and the necessity of improvement of that spirituality. Triviality, according to Maestri (1999), is the main factor responsible for the sale success of the author, since Paulo Coelho presents repetitive formulas to the reader, in individualist narratives which reiterate prejudices and illusions.

KEYWORDS: *The alchemist*. Triviality. Self-help. Esoterism.

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Paraná. O texto a seguir, sob a orientação da Prof^a Ms Maria Beatriz Zanchet – Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon, constitui o artigo de conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, instituído pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

Embora seja possível identificar uma série de preconceitos que, via de regra, embasam as discussões que distinguem a literatura culta da literatura de massa, não restam dúvidas quanto à existência de diferenças entre ambas, mesmo que as fronteiras não se façam tão nítidas e os limites não possam ser questionados. Se uma obra merece o epíteto de culta, necessariamente, precisa ser reconhecida como tal.

Sob esse prisma, a quem compete tal reconhecimento? Ao domínio da crítica literária, geralmente atrelada às grandes instituições formadoras de opinião – escolas, universidades, empresas de jornais e revistas de renome – ou, ao mercado editorial, cujos mecanismos de produção e consumo estão assentados no jogo econômico? Qual é o comportamento do leitor, consumidor desses dois tipos de literatura? Existem regras distintas de produção e consumo para os dois casos? Todo o livro *best-seller* pode ser enquadrado como literatura de massa? O que caracteriza um *best-seller*? Em que tipo de literatura é possível inserir o escritor Paulo Coelho, se, para surpresa de muitos, conseguiu adentrar a Academia Brasileira de Letras?

As perguntas acima direcionam a investigação de que se ocupa o presente trabalho, cujo foco principal de análise volta-se para o romance *O alquimista*, de Paulo Coelho, uma vez que este se tornou o escritor brasileiro mais lido de todos os tempos, inclusive em países de primeiro mundo.

É comum, na escola, uma rejeição aos romances de Paulo Coelho, apesar de estarem presentes na leitura que deles fazem os alunos no período escolar. No entanto, da mesma forma que se vê a necessidade de analisar textos midiáticos, publicitários e outros de senso comum, com o objetivo de verificar os valores ideológicos que os permeiam, é importante discutir obras que fazem parte da cultura de massa.

Via de regra, quando professores de Língua Portuguesa referenciam os livros de Paulo Coelho, em geral, não o fazem de forma positiva. Além de criticá-lo, sentem-se constrangidos ao reconhecer que leram uma de suas obras ou as indicaram para leitura, principalmente porque a academia universitária já veiculou uma imagem de escritor menor. No entanto, poucos desses profissionais apresentam fundamentação teórica suficiente para tecer as devidas críticas às obras do escritor em questão, a fim de diferenciá-las das leituras tradicionalmente

veiculadas como literárias pela escola. Quando questionados pelos alunos sobre as diferenças marcantes entre as obras do autor citado e outras consagradas pela crítica literária, a maioria dos professores de Literatura da Educação Básica não consegue pontuar os elementos que estabelecem esta diferença.

Segundo Maestri (2001), apesar de ser admirado por muitos como um grande pensador, passa despercebido o fato de que Gramsci se dispôs a investigar, quando preso, a literatura folhetinesca com o objetivo de produzir um ensaio sobre o “gosto popular na literatura”, a fim de buscar respostas a respeito do sucesso desse tipo de leitura, das necessidades que satisfaz e dos elementos que a compõem para agradar tanto.

Através deste estudo, pretende-se perceber os elementos que compõem um tipo de leitura presente no cotidiano escolar e excluída do rol de textos trabalhados nas instituições de ensino. Tais livros, chamados de *best-sellers*, literatura de massa ou de consumo, carregam características marcantes que envolvem, principalmente, elementos de trivialidade, esoterismo e auto-ajuda, buscando atender o maior número possível de consumidores. Com base nas características que fundamentam os três elementos citados, optou-se, especificamente, pela verificação destes no romance *O alquimista*. O objetivo, além de exemplificar o que foi discutido teoricamente, é contribuir para a discussão a respeito dos romances de Paulo Coelho e sua utilização no cotidiano escolar.

A AUTO-AJUDA: UM REFOÇO AO INDIVIDUALISMO

Numa sociedade capitalista, na qual valores como o consumismo e o individualismo estão marcadamente presentes, a literatura de consumo se estabelece para reproduzir cada vez mais esses valores.

A busca incessante pelo prazer, também marcante nesta sociedade, incitou polêmicas relacionadas à leitura prazerosa. Muitas foram as produções acadêmicas que discutiram tal questão, objetivando o incentivo à leitura, já que esta se apresentava como marca cultural enfraquecida. A partir da segunda metade do século XX, observou-se um crescimento de obras caracterizadas como literatura de mero entretenimento, principalmente nas áreas de auto-ajuda e esoterismo, desde publicações em forma de manuais que ensinam a conduzir a vida em busca da satisfação até de romances que se baseiam nos mesmos propósitos.

A literatura de auto-ajuda teve suas primeiras manifestações no século XIX. Samuel Smiles, considerado o primeiro autor desse tipo de obra, associou o conceito de auto-ajuda a valores morais do indivíduo, o qual teria satisfação individual à medida que cumprisse seu dever na sociedade.

Conforme assinala Rüdiger (1996, p. 48), a referida literatura propunha uma condução de vida baseada “no exercício produtivo de uma profissão, no cultivo de virtudes morais e no comprometimento da responsabilidade pessoal com o progresso geral da sociedade.”

A partir da análise dos escritos de Samuel Smiles, Rüdiger (1996, p. 65) destaca que

a realização individual possuía um sentido social, dependia da crença em certos valores comuns que, todavia, podiam ser questionados, colocados em discussão pelo público esclarecido. As perspectivas de auto-realização compreendiam a necessidade de sentir-se útil e promover o bem comum da família, de uma comunidade ou de uma sociedade, de conduzir a vida com respeito por si e pelos outros; confundiam-se com o dever de cultivar o caráter, fazer o melhor de si e disciplinar a vontade através do trabalho, do esforço e da dedicação.

Em seu estudo sobre as origens da auto-ajuda e a sua (re)valorização nas relações de trabalho, Turmina (2005, p. 175) enfatiza que “a moral de Smiles se dá no fortalecimento do caráter e na dedicação à religião que teria a capacidade de reestruturar os vícios e a ociosidade manifestados pelos indivíduos.”

Apesar de divergir em muitos aspectos da literatura de auto-ajuda atual, também na clássica havia um apelo à meritocracia, uma vez que “aqueles que não alcançassem o sucesso ou não trilhassem uma trajetória de vida exemplar seriam considerados preguiçosos ou pouco esforçados, estando sob sua responsabilidade a motivação para mudar tal sorte.” (TURMINA, 2005, p. 176).

Com o surgimento de uma nova psicologia, no início do século XX – o Novo Pensamento –, abandonou-se o conceito inicial de auto-ajuda – “formação de um bom caráter, [...] cumprimento dos deveres por parte do indivíduo” – e passou-se a entendê-la como algo capaz de “confeccionar uma personalidade agradável, construir o chamado poder pessoal, providenciar a formação de um indivíduo carismático” (RÜDIGER, 1996, p. 72).

O Novo Pensamento, verdadeiro movimento de auto-ajuda, foi um fenômeno cultural de classe média, apoiado por formidável máquina

de ensino e propaganda, que se propunha a desenvolver o chamado *potencial humano* e se originou da reinterpretação pragmática dos conceitos mentalistas postos em circulação no final do século passado [XIX] por uma série de filósofos populares e publicistas, na esteira do surto de religiões *mindcure* verificado no mesmo período. O programa pretendia, em resumo, difundir os segredos do sucesso, da saúde mental e da realização pessoal entre a população, ensinando como fazer da relação consigo mesmo (o *self*) o campo de aplicação prática de um conjunto de técnicas subjetivantes, baseadas no suposto poder da mente. (RÜDIGER, 1996, p. 72-73).

Desse modo, chegou-se ao conceito de auto-ajuda modernamente difundido: um conjunto de obras que busca ensinar a desenvolver capacidades objetivas ou subjetivas no indivíduo, através de fórmulas padronizadas, baseadas nos poderes interiores individuais, visando à satisfação de interesses também individuais.

A auto-ajuda atual apresenta distinções em relação à clássica, principalmente em relação à autonomia. A segunda “propunha uma relação entre autonomia individual e progresso coletivo, isto é, da nação.” Na primeira, “a ênfase é sobre a individualização”, descartando-se as manifestações coletivas. (TURMINA, 2005, p. 183).

Apesar das divergências entre uma e outra, em nenhum momento histórico, a auto-ajuda questionou a organização da sociedade. Tanto a clássica como a atual objetivam, através de um discurso sedutor, provocar mudanças no indivíduo de forma a promover o disciplinamento comportamental para manter a ordem vigente.

Atualmente, esse gênero é formado, principalmente, por manuais e fórmulas com ensinamentos voltados ao sucesso e realização pessoal, através da conquista de riqueza e poder. Mas não é só isso: fazem parte dele, também, narrativas que, da mesma forma, preocupam-se em aliviar momentaneamente as tensões da existência, apresentando fórmulas simplistas de superação de incômodos e busca da felicidade.

Essas narrativas são representadas, principalmente, por palestras, livros e filmes, cuja temática envolve o sucesso de um indivíduo, principalmente na vida profissional, que supera obstáculos com méritos individuais. Algumas dessas narrativas são inspiradas em experiências individuais bem-sucedidas, mostrando que é possível vencer todos os obstáculos quando se acredita no sonho – normalmente dinheiro ou sucesso individual. Para essas teorias, o único elemento que garante o sucesso é a vontade e a persistência. Não se levam em conta outros elementos de organização social, tampouco estes são questionados.

Todos os gêneros textuais que desenvolvem narrativas de auto-ajuda têm o objetivo de ensinar fórmulas homogêneas, baseadas em experiências pessoais (“reais” ou ficcionais), que deverão ser seguidas em cada etapa para que as pessoas, embora vivendo em realidades diferentes, possam alcançar soluções para os problemas e sucesso para a vida.

A proposta não deixa de ser contraditória, uma vez que, com vistas à supervalorização de méritos individuais, apresenta soluções massificadas (porém, não coletivas), como se todos se submetessem às mesmas condições de vida e passassem pelos mesmos problemas.

O surgimento e a manutenção da auto-ajuda constituem uma das respostas passíveis do indivíduo enfrentar problemas característicos da modernidade/pós-modernidade, propondo respostas individuais para garantir a manutenção da ordem vigente. “Portanto, enquanto a ordem vigente for mantida a auto-ajuda foi, é e será a fonte sustentável de explicações e soluções visando forjar comportamentos humanos tanto no que diz respeito à vida profissional como em vários outros aspectos da existência humana.” (TURMINA, 2005, p. 183).

ESOTERISMO: BUSCA DO DEUS INTERIOR

O fenômeno esotérico, a partir da década de 1960, começou a desenvolver-se intensamente no Brasil.

Tal fenômeno pôde ser percebido através das mais diversas formas, manifestando-se, nos últimos anos, através de meios formais e informais. Há, atualmente, todo tipo de oferta de produtos e serviços esotéricos no mercado, envolvendo desde anúncios classificados e livros até adesivos em automóveis, folhetos e serviços de consulta por telefone e internet. Houve, também, um crescimento significativo de consumo de produtos dessa linha: anjos, bruxas, incensos. Essa ascensão passou a ser explorada, principalmente, com fins lucrativos. Não há como esquecer as consultas, por telefone (0900), que prometiam resolver todos os problemas de ordem pessoal ou profissional e que renderam fortunas incalculáveis aos consultores.

Devido aos lucros exorbitantes dessa oferta esotérica de produtos e serviços, muitos estudos consideraram esse fenômeno essencialmente mercadológico.

Nessa perspectiva, os livros de tema esotérico, nos últimos anos, têm movimentado o mercado editorial, estando, sempre, entre os primeiros colocados

em venda. Algumas editoras, inclusive, especializaram-se no assunto e comercializam exclusivamente livros que tratam dessa temática.

Devido à diversidade de estilos e assuntos, torna-se difícil estabelecer uma definição clara do gênero, no entanto, percebe-se um ponto de convergência nas diversas manifestações: todos os discursos referem-se ao homem como um ser essencialmente espiritual e objetivam a evolução espiritual do ser humano.

Os livros esotérico-espiritualistas oferecem [...] um discurso alternativo para os problemas psicossociais, cujas respostas podem ser encontradas no auto-cultivo e auto-aprimoramento orientado por um ideal de perfectibilidade do *self*, em que o beneficiado não é só o indivíduo em si, na medida em que a transformação interior implica também a transformação planetária. (TINTI, 2004, p. 78).

Nesse sentido, há uma aproximação com os princípios da auto-ajuda, uma vez que muitos livros dessa categoria fazem referências a experiências místicas. Assemelham-se, também, quanto aos aconselhamentos ou lições morais: objetivam a busca do ser interior e a superação de limites individuais através de uma força superior.

Tal aproximação é também estabelecida por Rüdiger (1996, p. 145), em sua análise sobre as propostas de conduta e as condições histórico-universais que possibilitaram o desenvolvimento da prática da auto-ajuda, quando apresenta as principais direções do desenvolvimento dessa prática, que se manifesta através de dois paradigmas. Correspondem ao primeiro as estruturas narrativas baseadas em um modelo de subjetivação e uma perspectiva de vida comprometidos com o desenvolvimento da carismática individual ou do *ethos* da personalidade e, ao segundo, as narrativas que envolvem uma espécie de misticismo terapêutico.

Acrescenta ainda que

o contraponto de ambos não é somente a classe de relato responsável por uma radicalização do subjetivismo contido no referido *ethos*, cujo sentido, ao mesmo tempo paradoxal e revelador (...) é o de uma dessubjetivação da subjetividade, mas a perspectiva de subjetivação contida nos relatos em que o princípio do pensamento positivo, secularizado ou não, combina-se com o conceito de crescimento pessoal e o entendimento terapêutico da supracitada carismática, para definir auto-ajuda. (RÜDIGER, 1996, p. 145).

Por conta dessa expansão do esoterismo, nas últimas décadas, vários pesquisadores passaram a investigar o fenômeno, na tentativa de explicar as causas desse desenvolvimento.

A maioria deles faz referência a uma possibilidade de fuga das contradições sociais da sociedade contemporânea, estimulada pelo consumismo e pela competitividade. No âmbito das discussões, o que fica passível de evidência é a relação entre esoterismo e religiosidade: um apelo ao misticismo como forma de sanar lacunas espirituais advindas das turbulências do mundo contemporâneo.

Ao referir-se às obras de Paulo Coelho, Maestri (1999) ressalta que a temática esotérica de tais obras foi elaborada sob medida para uma geração deslumbrada com o discurso neoliberal da época, contudo angustiada e desmoralizada pela falta de perspectiva do mundo em que vivia. Essas obras serviam (e ainda servem), portanto, como alívio para um homem apavorado frente a um mundo e uma vida que não compreende e os quais não consegue controlar.

O esoterismo da modernidade senil propõe aos leitores formas fáceis e ao alcance de todos de intervir positivamente sobre si mesmos e sobre o mundo social, na procura sobretudo de vantagens materiais e pessoais. Trata-se de uma via mágica no universo virtual da sociedade de consumo.” (MAESTRI, 1999, p. 102).

Para Felinto (2002, p.4),

é possível arriscar pelo menos um fator de unidade fundamental para a diversidade das novas formas de religiosidade. Todas elas respondem a um anseio elementar da cultura: a necessidade de se encontrar um fundamento estável para um mundo onde a instabilidade é tão aparente. No labirinto que é a cultura contemporânea, não parece caminhar nenhum super-homem Nietzscheano, afirmando sua liberdade de transvalorar todos os valores e criar seus próprios fundamentos. Não, o que se vê com intensidade cada vez maior são andarilhos que vagam incessantemente em busca de uma saída, de uma realidade transcendente a qual possam agarrar-se.

Nessa busca do indivíduo, essas manifestações, intimamente relacionadas aos mecanismos e organismos de comunicação de massa, propuseram-lhe uma literatura encantada como forma de aceitação de uma realidade contraditória que não pode ser mudada ou questionada.

TRIVIALIDADE

A narrativa trivial, através das suas diversas formas de publicação, caracteriza-se pela repetição de esquemas e reprodução de conceitos estereotipados que servem ao sistema vigente atualmente.

Kothe (1994, p. 10-11) apresenta as características desse tipo de narrativa, que, “através de variados veículos (...) reitera sempre um esquema ético à base de estereótipos, sem jamais realmente aprofundar o que aí se considera bem e mal.”

Apesar de variações nas estruturas superficiais, a estrutura profunda das narrativas triviais permanece a mesma.

Há, nelas, um incentivo ao individualismo e ao consumo, indicando que é possível transpor barreiras, inclusive sociais, através de atitudes individuais, ou seja, todos têm capacidade de ascender socialmente, desde que, para isso, lutem, utilizando-se de suas capacidades individuais.

Essas histórias triviais, tão inocentes na aparência, parecendo tão longe de qualquer preocupação de natureza social e política, são profundamente ideológicas, são as menos inocentes, são as mais “politizadas”: são veículos de transmissão dos valores da classe dominante para a classe dominada. (KOTHE, 1981, p. 162).

São motivos que fazem com que essas narrativas não sejam Arte justamente a repetição de clichês e a falta de questionamento sobre o que está socialmente convencionado.

Nesse sentido, é importante esclarecer as diferenças literárias marcantes entre obras que integram a cultura de massa e a cultura de proposta, desde questões relacionadas ao modo de construção dessas obras culturais até os valores morais que elas reproduzem ou questionam. Os termos literatura popular, de massa, de entretenimento, culta, erudita, de proposta têm merecido ampla discussão por parte da crítica. Em texto sobre o assunto, José Paulo Paes (1990) utiliza o termo “literatura de proposta” a partir da diferenciação entre cultura de massa e outros tipos de cultura, conceitos desenvolvidos por Umberto Eco (2006) no capítulo inicial do seu livro *Apocalípticos e integrados*.

Segundo Paes (1990, p. 25-26), o primeiro diferencial entre os dois tipos de obras é a originalidade. Enquanto a cultura de massa se caracteriza pela repetição dos recursos de efeito, a cultura de proposta é marcada justamente pela utilização

de recursos expressivos originais. O segundo critério de diferenciação é o esforço exigido na leitura. Objetivando a venda do que produz,

a cultura de massa se preocupa em poupar-lhes [aos consumidores] no ato de consumo, maiores esforços de sensibilidade, inteligência e até mesmo atenção ou memória. Para tanto, reduz a representação artística dos valores a termos facilmente compreensíveis ao comum das pessoas e os conflitos entre esses valores à dinâmica de um faz-de-conta que não chega a perturbar a cômoda digestão do pitoresco, do sentimental, do emocionante ou do divertido. Já a cultura de proposta não só problematiza todos os valores como também a maneira de representá-los na obra de arte, desafiando o fruidor desta a um esforço de interpretação que lhe estimula a faculdade crítica em vez de adormecê-la. (PAES, 1990, p. 26).

Ou seja, enquanto uma visa ao mero entretenimento do leitor, sem questionar sua realidade, a outra busca problematizar e aprofundar questões relativas a essa realidade.

PAULO COELHO: O FENÔMENO MERCADOLÓGICO

A incrível história de **Paulo Coelho**, o menino que **nasceu morto**, flertou com o **suicídio**, sofreu em **manicômios**, mergulhou nas **drogas**, experimentou diversas formas de **sexo**, encontrou-se com o **diabo**, foi preso pela **ditadura**, ajudou a revolucionar o **rock** brasileiro, redescobriu a **fé** e se transformou em um dos escritores mais lidos do **mundo**. **Paulo Coelho** de Souza nasceu em uma chuvosa madrugada de 24 de agosto de... (MORAIS, 2008, capa).

É dessa forma que Fernando Morais apresenta Paulo Coelho, na capa de seu livro *O mago*, publicado neste ano de 2008. Com isso, pretende resumir a história de vida de um dos escritores mais lidos do mundo.

Paulo Coelho nasceu em 24 de agosto de 1947, em Humaitá, bairro de classe média do Rio de Janeiro. Filho primogênito de família conservadora, demonstrou-se um rebelde aos padrões tradicionais em diversos momentos de sua vida.

Passou, segundo dados de sua biografia, por diversas experiências esotéricas. Já, ao nascer, acontece com ele um fato inexplicável cientificamente: nasce morto, “aparentemente asfixiado pelo líquido que o protegera durante nove meses no corpo da mãe.” (MORAIS, 2008, p. 63).

Dias após, outra experiência incomum, relatada seis décadas depois: o reconhecimento da presença de sua avó, Maria Elisa, no quarto dia de vida. “Paulo afirmaria sem hesitar ter sido esta a mais remota de todas as suas lembranças: ao

ver aquela mulher entrando no quarto, o bebê com horas de vida entendeu que se tratava de sua avó.” (MORAIS, 2008, p.64).

Apesar de receber uma educação católica formal, o autor passou a experimentar outras religiões e seitas e apresentar um comportamento fora dos padrões esperados pela família. Esse comportamento o levou, aos 17 anos, à sua primeira internação na Casa de Saúde Dr. Eiras. “A ficha de Paulo na Casa de Saúde Dr. Eiras: além de ‘agressivo, irritável, hostil e politicamente contrário aos pais’, a mãe achava que ele tinha problemas sexuais” (MORAIS, 2008, p. 139).

Após as internações, passa por experiências com drogas e sexo, ingressa no movimento hippie e funda, em parceria com Raul Seixas, a Sociedade Alternativa.

Apesar de ter sido preso duas vezes por órgãos disciplinares da Ditadura Militar – em 1969, no Paraná, por acusação equivocada de terrorismo e assalto a banco e, em 1974, para prestar esclarecimentos sobre o LP *Krig-Ha, Bandalo!?* e sobre o gibi de quatro páginas que o acompanhava – não se envolveu em movimentos políticos.

O encontro com membros da seita *Meninos de Deus*, enquanto aguardava interrogatório na cela em que ficou preso pela segunda vez, fez com que chegasse à conclusão de que “a temida e violenta máquina montada pela ditadura para enfrentar guerrilheiros agora preocupava-se com hippies, maconheiros e seguidores de seitas malucas.” (MORAIS, 2008, p. 328).

Há várias referências, em sua Biografia (MORAIS, 2008), que reiteram o fato de o autor não envolver-se em conflitos políticos, não participando das manifestações contrárias ao Regime Militar como a maioria dos estudantes de sua idade:

“No Brasil, engatinhava a oposição à ditadura. Primeiro sob a forma de pacíficas passeatas estudantis – das quais Paulo raramente participava, e quando o fazia era mais por farra e pela aventura de enfrentar a polícia do que propriamente por convicção.” (MORAIS, 2008, p.214)

Embora se gabasse de ser “o comunista da turma”, e mesmo sendo testemunha da violência que atingia sua categoria profissional – afinal, agora era um autor teatral, com carteira assinada e tudo o mais –, Paulo manifestava solene indiferença diante do furacão político que devastava o Brasil. Assim como acontecera durante o golpe militar, para ele o AI-5 passou em brancas nuvens, não merecendo uma vírgula, um hífen em seus caudalosos diários. (MORAIS, 2008, p. 214-215).

Quando fala do relacionamento de Paulo Coelho com Adalgisa Eliane Rios de Magalhães, em 1971, Morais (2008, p. 271) diz que ela, ao contrário do namorado e sem que ele soubesse, foi militante ativa de oposição ao regime militar.

Sobre a participação política de Paulo Coelho, Maestri (1999, p. 40) destaca que, nesta “época de transformações”, enquanto alguns se dedicavam ao misticismo alienado – juventude mística, alienada e despolitizada (grupo do qual o autor em questão fazia parte) – , outros combatiam a ditadura militar através de movimentos sociais. Aqueles liam os “anestesiantes romances de Carlos Castañeda, com bruxos mexicanos e histórias de magias” e estes se dedicavam à leitura de “livros como *A história da Revolução Russa*, de Leon Trotsky; *O diário*, de Guevara, e *A revolução brasileira*, de Caio Prado Júnior, que propunham a transformação da realidade social.”

Juventude militante e juventude esotérica foram dois segmentos da geração brasileira de 68, o primeiro majoritário e barulhento, o segundo minoritário e silencioso, que se mantiveram com escassos ou praticamente nenhum contato, já que viviam em mundos paralelos, se não antagônicos. (MAESTRI, 1999, p. 40).

Principalmente a partir de 1971, houve um crescimento significativo do esoterismo, devido à derrota da esquerda militante, que pôs fim a praticamente todos os movimentos operários e estudantis e provocou uma expansão “dos bruxos, dos vegetarianos e dos naturalistas. Esse refluxo das lutas sociais deu lugar a verdadeiro mercado da alienação.” (MAESTRI, 1999, p. 40-41).

A proposta do movimento místico-comportamental alternativo se consolidou nessa época como um derivativo à militância política, impondo-se em decorrência da profunda derrota do movimento social. Por trás de sua pseudo-radicalidade espiritualista e comportamental – música, droga, espiritualismo, hedonismo, etc. – estava apenas escondido seu caráter conservador e lucrativo para artistas e empresas fonográficas.

Apesar de sua incomum história de vida, é indiscutível o êxito mercadológico do escritor em questão. No entanto, boa parte da crítica literária oficial de nosso país recusa-se a estudá-lo.

Mário Maestri é um dos poucos pesquisadores que, através de vários estudos, tentou explicar as causas de a ficção de Paulo Coelho ser tão bem recebida, especialmente, por jovens.

As causas de tanto sucesso, segundo o historiador, são provenientes de ordens diferentes. Há razões textuais e estruturais para que o leitor seja seduzido por esse tipo de obra. Seja qual for a procedência da fórmula de sucesso, o fato é que a obra de Paulo Coelho é bem ao gosto do leitor acostumado a estruturas pouco complexas, repletas de repetições e banalizações, “facilmente compreensíveis ao comum das pessoas”, poupando-lhes “maiores esforços de sensibilidade, inteligência e até mesmo atenção ou memória”. (PAES, 1990, p. 26).

Destaca-se, em primeiro lugar, a linguagem que seduz pela simplicidade, fruto de suas experiências em outras áreas do jornalismo e da arte. São frases e capítulos curtos, textos lineares e linguagem fácil.

Ao referir-se à literatura de massa, Muniz Sodré (1985, p.15) diz que nesta

Não está em primeiro plano a questão da língua nem da reflexão sobre a técnica romanesca. O que importa mesmo são os *conteúdos* fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade.

Os personagens são ajustados aos padrões sociais e valorizam a tradição, não interferindo sobre a realidade. Até os personagens esotéricos (bruxas, magos, alquimista) são ajustados aos padrões sociais e usam a magia em prol de uma realização individualista, principalmente de cunho econômico.

Maestri (2008), em entrevista ao jornal *O povo*, destaca que o elemento fundamental para o sucesso do autor é a trivialidade. Para ele, o aspecto determinante de um escritor com poucas qualidades literárias alcançar enormes vendas é a estrutura trivial de suas narrativas.

A mesma trivialidade das tele-novelas (*sic*), da cinematografia melosa, da música brega, dos romances de amor, etc. Trata-se de narrativa de cunho individualista, socialmente piegas e tranquilizadora, que reitera preconceitos e ilusões, como “querer é poder”, “os justos vencerão”, “todos seremos felizes”, “está em nós vencer”, “ricos e pobres são iguais”.

Nesse tipo de narrativa o leitor se sente reconfortado por desbravar mundos maravilhosos conhecidos e seguros, “arrombando portas abertas, descobrindo obviedades”. Oposta a isso é a verdadeira arte, que encaminha o leitor a profundas experiências e sentimentos complexos, por intermédio de elementos estéticos que desorganizam o senso comum e enriquecem a consciência.

Outro aspecto presente na obra do autor é o pedagogismo, elemento característico da auto-ajuda. Há intensa presença de máximas e ensinamentos, dos quais o leitor deve depreender uma lição de moral.

Além disso, a referência a fatos que o autor afirma realmente ter vivenciado presente em alguns de seus livros atrai a curiosidade dos leitores. Esse recurso é usado pelos mais diversos gêneros de ficção narrativa como forma de deslumbrar o leitor. Muitas obras da literatura e do cinema dizem-se inspiradas em fatos reais, algumas criam uma simulação de realidade para tornar a obra mais atrativa. Um exemplo do cinema é o filme *A bruxa de Blair*, que, segundo epígrafe constante da capa do filme, trata-se de um acontecimento verdadeiro: “Em outubro de 1994, três estudantes de cinema desapareceram na floresta perto de Burkittsville, Maryland enquanto rodavam um documentário... Um ano depois suas fitas foram encontradas.” Nem é necessário dizer que o filme foi recordista absoluto de bilheterias, tendo custado 50 mil dólares e arrecadado, em bilheterias mundiais, mais de 200 milhões de dólares.²

Maestri (2008) acredita ainda, ao comentar a epígrafe de *O mago*³, que a tendência da crítica brasileira é render-se ao “magnetismo de vendagens siderais e direitos astronômicos” do autor. Em geral, parte da crítica já o defende como um caminho de leitura para chegar à literatura mais complexa, idéia da qual o historiador discorda, considerando-a ilusória. “A leitura, por si só, não eleva. Literatura racista, sexista ou irracionalista reforça o racismo, o sexismo, o irracionalismo. As

² Dados retirados do seguinte endereço eletrônico: <http://www.adorocinema.com.br/filmes/bruxa-de-blair/bruxa-de-blair.asp>

³ Na epígrafe de *O mago*, Fernando Morais cita dois comentários do crítico literário Wilson Martins, o primeiro hostilizando o interesse por sua obra; o segundo, mais condescendente com ela: “Quando o mundo não acabar, no ano 2000, talvez acabe todo esse interesse pela obra de Paulo Coelho.” [Wilson Martins, crítico literário, abril de 1998, jornal *O Globo*] “O Brasil é Rui Barbosa, é Euclides da Cunha, mas também é Paulo Coelho. Não sou leitor de seus livros nem seu admirador, mas ele deve ser aceito como um dado da vida brasileira contemporânea.” [O mesmo Martins, julho de 2005, *O Globo*]

televenovelas não levam ao bom teatro ou ao bom cinema. A música brega não introduz à popular e erudita de valor. O caminho para Graciliano Ramos não passa por Paulo Coelho.”

Analisar obras que pertencem à cultura de massa é uma tarefa para a escola, uma vez que é uma forma de perceber sua ideologia e sua estrutura e, a partir dessas leituras, levar o educando às leituras mais elaboradas, de modo que ele possa compreender satisfatoriamente tanto a cultura de massa quanto a cultura de proposta. Essa capacidade poderá proporcionar-lhe ou “uma excitação de tipo altamente especializada” – cultura de proposta – ou “uma forma de entretenimento capaz de veicular uma categoria de valores específica.” – cultura de massa. (ECO, 2006, p. 58)

No âmbito da literatura de Paulo Coelho, as narrativas, via de regra, caminham entre os estereótipos típicos da auto-ajuda e do esoterismo, resgatando uma série de leitores e valendo-se, como afirma Maestri (1999), das “verdades” essenciais do senso comum:

Os livros coelhistas procuram animar, iluminar e anestesiar o universo, vivencial ou existencial, pobre e triste, dos leitores, veiculando conteúdos espiritualistas, ecologistas e naturalistas sob a forma de máximas e recomendações psychologizantes e comportamentais, habitualmente encontrados em livros de auto-ajuda, revistas femininas ou convites de formaturas. (MAESTRI, 1999, p. 66).

O ALQUIMISTA: A TRIVIALIDADE ESOTÉRICA DA AUTO-AJUDA

O *alquimista* foi editado pela primeira vez em 1988, alcançando, na atualidade, mais de 160 edições. Traduzido para 62 línguas em 150 países, permaneceu por muito tempo em primeiro lugar nas listas de mais vendidos.

O enredo narra a viagem de Santiago, jovem pastor de ovelhas, que parte em busca de um tesouro, o qual faz parte de sua lenda pessoal. Em direção ao Oriente, o personagem enfrenta sozinho diversos desafios, auxiliado por elementos mágicos, até descobrir que o tesouro (metafórico e literal) estava guardado na cidade de onde partira, ou seja, numa relação metafórica, dentro de si mesmo.

O esquema apresentado na obra é típico dos contos de fadas e fábulas, reiterando as mesmas máximas: o bem sempre vence, o sucesso pode ser alcançado, não se pode mudar o destino: o que tem que ser, será (*Maktub*).

O elemento fundamental do enredo é a viagem do herói – agente mantenedor da ordem vigente –, que enfrenta uma série de adversidades, mas sai vencedor. É roubado, assaltado em terra estranha, perde tudo, mas tem fé na vida.

“Não tinha um centavo no bolso, mas tinha fé na vida.” (p. 58)⁴

A idéia de que os elementos mágicos estão disponíveis às pessoas comuns, aproximando dos leitores o mundo fabulativo criado pelo autor, traz a possibilidade de crença de que todos possam chegar à realização de seus sonhos, trilhar sua lenda pessoal, basta ter coragem e força de vontade. É um conto de fadas moderno, já que o escritor propõe ao leitor um consolo trivial aos obstáculos da vida.

O herói, representado por Santiago, desperta no leitor um poder individualizado para resolver seus problemas sem ajuda de outras pessoas, já que, quando realmente se deseja algo, todo o universo conspira a nosso favor. Não é sem razão que a contracapa do livro apresenta o personagem dotado de tal poder:

Quando uma pessoa realmente deseja algo, o Universo inteiro conspira para que seu sonho se realize. Santiago, o protagonista, já faz parte de uma seleta galeria de personagens ilustres que nos conduz, através de sua história, a viver uma excepcional aventura.

Bem ao gosto da pós-modernidade, o herói busca êxito financeiro por intermédio do elemento espiritualista, caracterizando-se como um ser que consegue equilibrar razão e emoção para aceitar a lógica vigente.

É interessante observar como o autor constrói a narrativa apelando para certas estratégias discursivas que objetivam seduzir o leitor: há um prefácio explicativo – no qual, de imediato, observa-se a tentativa de excluir o gênero puro da não-ficção e da auto-ajuda esotérica, inserindo o livro no terreno do simbolismo ficcional –, há, nas edições mais recentes, um fragmento de oração católica dedicada a Nossa Senhora, invocando seu auxílio: *“Oh, Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós. Amém.”* (p. 6); há um prólogo em que o autor estabelece um diálogo com a versão da lenda de Narciso, escrita por Oscar Wilde e há, também, uma citação bíblica, ilustrativa da importância e da supremacia do ouvir a doutrina sobre o fazer coisas práticas:

⁴ As citações de fragmentos referentes à obra *O Alquimista*, de Paulo Coelho, serão referenciadas em itálico, apenas com o número da página.

Indo eles pelo caminho, entraram em um certo povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, que se sentou aos pés do Senhor, e ficou ouvindo seus ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para o outro, ocupada em muitos serviços. Então aproximou-se de Jesus e disse: – Senhor! Não te importas de que eu fique a servir sozinha? Ordena a minha irmã que venha ajudar-me! Respondeu-lhe o senhor: – Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. ‘Maria, entretanto, escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada. LUCAS, 10; 38-42 (p. 7)

A estratégia discursiva usada no prefácio merece referência especial: o autor narra um pouco de sua história de vida, especificando sua relação com a Alquimia e compartilhando com o leitor esta experiência espiritual. Discorre sobre três tipos de alquimistas, associa a Alquimia com a Psicologia de Jung (Alma do Mundo = inconsciente coletivo) e diz que seu livro é uma homenagem a grandes escritores, misturando autores completamente díspares, mas fazendo crer ao leitor que domina autores universais que se dedicaram à simbologia:

No decorrer de suas páginas, além de transmitir tudo o que aprendi a respeito, procuro homenagear grandes escritores que conseguiram atingir a Linguagem Universal: Hemingway, Blake, Borges (que também utilizou a história persa para um de seus contos), Malba Tahan, entre outros. (p. 11)

A obra *O alquimista* é considerada pela crítica como a principal obra de Paulo Coelho e, também, uma das mais conhecidas. Nela, percebe-se claramente a presença dos elementos analisados neste trabalho, ou seja, consegue-se identificar, claramente, marcas de trivialidade, auto-ajuda e esoterismo.

A trivialidade, bastante presente, pode ser percebida no conjunto dos elementos que compõem a narrativa: marcas lingüísticas e ideológicas.

Em relação à linguagem, percebe-se, em sua organização, características que levam à facilidade de leitura: períodos na ordem direta, simplicidade de recursos e vocabulário, linearidade do texto, períodos curtos. É um tipo de leitura que não gera qualquer dificuldade de compreensão, o que atrai um público leitor não habituado ao contato com narrativas mais densas, que exploram o trabalho com a linguagem inusitada e criativa, capaz de fugir do senso comum.

Além disso, percebe-se, nesse romance, principalmente nas edições anteriores à 1ª reimpressão, um desleixo em relação ao uso da linguagem que se baseia na norma padrão. Não há um critério de utilização desses elementos, ou seja, os desvios em relação à norma padrão não parecem ser utilizados como

recurso de estilo para contribuir com o conteúdo ou com a estrutura da obra; tanto é que, a partir da 1ª reimpressão, houve uma revisão, corrigindo muitos desses desvios. Às vezes, aparecem no discurso direto das personagens e, às vezes, no discurso do narrador.

“No dia seguinte, **haviam** dois mil homens armados... mas **haviam** armas escondidas **sobre** os mantos brancos.” (p. 177).

“No dia seguinte, **havia** dois mil homens armados... mas **haviam** armas escondidas **sobre** os mantos brancos.” (p.129 – 1ª reimpressão).

“Se a gente não for como elas esperam ficar, chateadas.” (p.40).

“Se a gente não for como elas esperam, ficam chateadas.” (p. 32 – 1ª reimpressão).

“Quando a **gente** vê sempre as mesmas pessoas – e isto acontecia no seminário – **terminamos** fazendo com que elas passem a fazer parte de nossas vidas.” (p. 32 – 1ª reimpressão).

“**Há** dois dias **atrás** você disse que eu nunca tive sonhos de viajar...” (p. 69 – 1ª reimpressão).

Há, ainda, a presença marcante de clichês e frases óbvias:

“Com a menina de cabelos negros, os dias nunca seriam iguais.” (p.20).

“Temos que estar sempre preparados para as surpresas do tempo.” (p. 23).

“Compre seu rebanho e corra o mundo até aprender que nosso castelo é o mais importante, e nossas mulheres são as mais belas.” (p.24).

“As coisas simples são as mais extraordinárias, e só os sábios conseguem vê-las.” (p.30).

“... e que já a amava antes mesmo de saber que ela existia...” (p. 112).

“Ela já encontrou seu tesouro: você.” (p.136).

“E imediatamente sentiu paz no seu coração.” (p. 138).

“Se você conhece o Amor, conhece também a Alma do Mundo, que é feita de Amor.” (p. 166).

Além dos elementos lingüísticos, a estrutura da narrativa repete esquemas típicos da narrativa trivial: o bom sempre vence; o mérito individual – o herói (Santiago) que, ajudado pelo destino, transpõe barreiras através de atitudes individuais, mantendo o estabelecido pelo sistema e pela ordem vigente; e o incentivo ao consumismo (aspiração à riqueza).

“Lá você encontrará um tesouro que lhe (sic) fará rico.” (p. 30).

“Tinha que pensar apenas no seu tesouro, e a maneira de consegui-lo.” (p. 50).

“... e o rapaz sabia que o dinheiro era mágico: com ele ninguém jamais está sozinho.” (p. 51).

“... e ele pensava como ia ficar rico, e como ia ter belas mulheres em sua velhice.” (p.60).

Fazem parte, também, dessa reprodução das convenções elementos que valorizam a moral machista. Fátima é uma mulher submissa que aceita a tradição e espera seu homem, conforme as normas impostas pela tribo. A possibilidade de viagem, transgressão e mudança sempre faz parte do mundo masculino.

“...o Amor nunca impede um homem de seguir sua Lenda Pessoal...” (p.137).

“Meu pai um dia partiu, mas voltou para minha mãe, e continua voltando sempre.” (p. 140).

“Haveria de mandar seus beijos pelo vento, na esperança de que ele tocasse o rosto do rapaz, e lhe contasse que estava viva, esperando por ele, como uma mulher espera um homem de coragem, que segue em busca de sonhos e tesouros.” (p. 140-141).

Mantendo a mesma linha de análise, são visíveis, na obra, as marcas de auto-ajuda e esoterismo, já que estes elementos representam o senso comum e as convenções, sugerindo caminhos que não partem de uma reflexão sobre a realidade, mas de uma forma de anestesiá-los problemas individuais imediatos através de méritos e soluções também individualistas.

A grande comunhão entre a ficção coelhistica e o ensaísmo de auto-ajuda é a compreensão/interpretação individualista do mundo e a negação da razão e da ação sociais como possibilidades de transformar esse mundo. Ambos possuem forte conteúdo quietista e socialmente desmobilizador. Para a ficção coelhistica e a auto-ajuda, é através da galvanização de forças individuais, interiores, e da submissão do ser social à realidade, tal como se apresenta, isto é, à atual ordem capitalista, que o indivíduo alcança seus objetivos, logicamente pragmáticos, individualistas, hedonistas e egoístas. (MAESTRI, 2000, p. 5).

Em *O Alquimista*, estão claros vários clichês desta vertente, que fortalecem o senso comum e as estruturas dominantes de pensamento: vivenciar a lenda pessoal, o universo conspira a seu favor, sinais que devem ser lidos, a pedra filosofal, a alquimia e a alegoria do romance: o tesouro está dentro de você.

“Chama-se *Princípio Favorável*, sorte de principiante. Porque a vida quer que você viva sua *Lenda Pessoal*.” (p. 68).

“Nunca desista dos seus sonhos. [...] Siga os sinais.” (p.77).

“Diziam que ele tinha mais de duzentos anos, que havia descoberto a *Pedra Filosofal* e o *Elixir da Longa Vida*.” (p. 82).

“Aprendi que muitos alquimistas viveram sua *Lenda Pessoal* e terminaram descobrindo a *Alma do Mundo*, a *Pedra Filosofal*, o *Elixir*.” (p. 99).

“Só uma coisa torna um sonho impossível: o medo de fracassar.” (p. 138).

“Aí, neste lugar onde você está, eu também tive um sonho repetido há quase dois anos atrás (*sic*). Sonhei que devia ir até os campos da Espanha, buscar uma igreja em ruínas onde os pastores costumavam dormir com suas ovelhas, e que tinha um sicômoro crescendo dentro da sacristia, se eu cavasse na raiz deste sicômoro, haveria de encontrar um tesouro escondido.” (p. 180).

“Lembrou-se que (*sic*) certa vez havia estado ali com suas ovelhas [...]” (p. 181).

“O voluntarismo aparentemente otimista, expresso pela ficção coelhistas [...] constitui um apelo à submissão à ordem social constituída, apresentada como imune às modificações sociais profundas.” (MAESTRI, 1999, p. 107).

Portanto, a obra citada diferencia-se da literatura de proposta justamente por, ao contrário desta, reproduzir a ordem vigente, manter o *status quo*, não enriquecer a consciência, reproduzindo o senso comum.

Quem escreve dessa forma comete a grande malvadeza de associar-se aos que surrupiam de grande contingente da sociedade a chance de desenvolver uma consciência crítica da complexidade e das contradições da realidade, primeiro passo para, através de movimentos coletivos de reivindicação de cidadania, modificar essa mesma realidade. (ANDRADE, 2004, p. 69-70)

Coerente com essas características, em *O alquimista*, trivialidade, auto-ajuda e esoterismo unem-se a um enredo sem grandes novidades, apesar de construído de forma a envolver o leitor na história, ou seja, reforçando a manutenção do *status quo*, a própria construção da história direciona-se para a concretização dos conceitos previstos por essas tendências.

Marcas de esoterismo estão presentes em todo o enredo, desde a partida do jovem pastor que, certa noite, tem um sonho repetido e sai em busca de seu tesouro material, defrontando-se, desde o início dessa viagem, com grandes mistérios, que

apelam para o misticismo, a magia. O encontro com o velho rei Melquisedec; o Princípio Favorável (sorte de principiante); os sinais de Deus (natureza); a Lenda Pessoal que cada um precisa vivenciar; a misteriosa Alma do Mundo; a força dos ventos são elementos envoltos em mistério que seduzem o leitor e o levam a pensar sua vida na observância desses sinais misteriosos.

Essa busca pelo tesouro se dá de forma tipicamente trivial, ou seja, o personagem enfrenta uma série de obstáculos antes de chegar a um destino. A narrativa apresenta um final nada surpreendente para o herói: vence todos os obstáculos, conquista o amor, o dinheiro (tesouro material) e a felicidade. Sendo bom, honesto, amoroso e dedicado, consegue vencer os obstáculos e conquistar tudo o que mais deseja.

E, finalmente, Santiago não teria conquistado seu sonho se não acreditasse no seu potencial, na sua força interior. A referência a essa força é a grande alegoria do livro. O rapaz sai do lugar onde vivia, na Espanha, para encontrar seu tesouro em um lugar distante: as pirâmides do Egito. Depois de chegar ao seu destino, percebe que o tesouro sempre esteve nos montes de Andaluzia, de onde ele havia partido. Ao encontrar o tesouro, encontra-se consigo mesmo e é feliz, tendo tudo o que sempre desejou. Percebe-se, assim, a presença da máxima da auto-ajuda: o tesouro está dentro de nós.

Unindo esses elementos a outros típicos de narrativas do gênero, Paulo Coelho, com o sucesso do livro *O alquimista*, tornou-se mundialmente conhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fascínio exercido pelos livros de Paulo Coelho sobre seu leitores indica que não se pode olhá-los com uma visão simplificadora ou reducionista. Não se pode esquecer que o autor sabe mexer com as emoções do seu público leitor e consegue manusear determinados elementos típicos da tradição narrativa folhetinesca, arraigados no imaginário popular e, ainda hoje, constantes na dramaturgia brasileira das telenovelas.

Esses elementos partem da vontade e determinação de um herói – conquista de um objetivo que se afirma como a busca da Lenda Pessoal: realização, dinheiro, amor – que sabe vencer os obstáculos porque, *Maktub*, tudo estava determinado e, desde o princípio, ele é auxiliado, como nos contos de fadas, por poderes transcendentais ao comum: crença nos sinais, nas forças da natureza, nos

ensinamentos alquímicos. É por conta disso que o herói sabe ler o vôo dos gaviões, entende a linguagem dos pássaros e do deserto, respeita a Tradição e se vale do auxílio das pedras mágicas, Urim e Tumim. Como na busca da Lenda Pessoal tudo pode acontecer, os ingredientes da trama são misturados com uma linguagem acessível e o produto final revela uma sopa romanesca bem ao gosto do público consumidor.

No decorrer do romance, o pensamento é reduzido a fórmulas que se apresentam como ditados reveladores. Por trás da história, o leitor acredita que o herói fez a busca de “si a si próprio” e, assim, ratifica o simbolismo da fábula. Essas manobras enredam o leitor ingênuo e, quanto a isso, Paulo Coelho revela-se um escritor cativante.

Por outro lado, seu nível de estilo narrativo é simples; não é capaz de oferecer uma visão de mundo singular e vale-se de recursos de expressão que não apelam para a originalidade, porque não se afastam do gosto médio e não demandam esforço do leitor/fruidor.

Como em outros romances de Paulo Coelho, também em *O alquimista* o autor valeu-se de elementos característicos da trivialidade – linguagem simples e direta, repetição de esquemas e conceitos estereotipados –, do esoterismo – ser espiritual na busca de sua Lenda Pessoal, magia, mistério – e da auto-ajuda – busca de poderes individuais visando à satisfação pessoal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Janilto. **Por que não ler Paulo Coelho...** Rio de Janeiro: Calibán, 2004.

COELHO, Paulo. **Brida**. 74.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. **As Valkírias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **O alquimista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

_____. **Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FELINTO, Erick. Os mercadores no templo da comunicação: o consumo espiritual na cultura contemporânea. **Revista Semiosfera**, n. 3, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera03/expressao/txtpens1.html>> Acesso em: 4 maio 2007.

KOTHE, Flávio René. **A narrativa trivial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

MAESTRI, Mário. **Por que Paulo Coelho teve sucesso**. Porto Alegre: AGE, 1999.

_____. Despindo a capa do bruxo. **Jornal RS**, Porto Alegre, 17 ago. 2000.

_____. **Antônio Gramsci lia Paulo Coelho**. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2001/marzo/cul_058.htm> Acesso em: 20 fev. 2008.

_____. **O Povo**, Fortaleza, 9 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/opovo/vidaearte/810701.html>> Acesso em: 20 out. 2008.

MATTEI, Isabel. A literatura de auto-ajuda no âmbito escolar. *In*: **Caderno de Programação e Resumos**. 10ª Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários. UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2007.

PAES, José Paulo. **A aventura literária**: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PARANÁ (Estado). **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para Educação Básica**. Curitiba: MEMVAVMEM Editora, 2006.

_____. **Uma nova política de formação continuada e valorização dos professores da educação básica da rede pública estadual**: documento-síntese. Curitiba, 2007.

PORTAL EDUCACIONAL DIA-A-DIA EDUCAÇÃO. **Educadores – ambiente pedagógico**. Curitiba, 2003. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/home.php//>> Acesso em: 10 jul. 2007.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1985.

TINTI, Dione Lorena. **O comércio da literatura esotérica: implicações de um fenômeno sociológico**. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PSOP0213.pdf>> Acesso em: 3 set. 2008

TURMINA, Adriana Cláudia. **Mudar para manter: a auto-ajuda como a nova pedagogia do capital**. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0504.pdf>> Acesso em: 3 set. 2008.